



22 A 26
DE OUTUBRO
DE 2024
FLORIANÓPOLIS - SC



Trabalhos Científicos

Título: Crianças E Adolescentes E O Impacto Nos Atendimentos Presenciais Por Epilepsia Na Pandemia Da Covid-19 Nas Urgências Brasileiras: Um Estudo No Banco De Dados Datasus

Autores: ANA LIMA (PUCRS), NATALIE DA SILVEIRA DONIDA (PUCRS), EDUARDA GANDOLFI HORST (PUCRS), PAOLA SARAIVA MARINHO (PUCRS), ELOÍSA BORTOLINI (PUCRS), ALESSANDRO BATISTA SOARES (PUCRS), GABRIELLA SITYÁ MOOJEN DA SILVEIRA (PUCRS), JÚLIA SUPPITZ (PUCRS), MARINA OTTMANN BOFF (PUCRS), VANESSA PELLEZ SOARES (UFRGS), ANA CAROLINA BALDI PASQUALINI (PUCRS), LUÍSA CASTRO GOMES (PUCRS), TAÍS MICHELE WERLE (PUCRS), FREDERICO ORLANDO FRIEDRICH (PUCRS), MAGDA LAHORGUE NUNES (PUCRS)

Resumo: Na pandemia da COVID-19, crianças e adolescentes com epilepsia no Brasil enfrentaram desafios, incluindo a dispensação de medicamentos anticrise e o acesso aos profissionais e sistema de saúde, o que pode levar ao descontrole da doença. Avaliar o impacto da pandemia da COVID-19 no número de atendimentos por epilepsia por crianças e adolescentes em serviços de urgência do Brasil. Esse é um estudo transversal, descritivo, com abordagem quantitativa, realizado por meio de coleta de dados do Sistema de Informações Hospitalares do Sistema Único de Saúde (SIH/SUS), obtidos no Banco de Dados do Sistema Único de Saúde (DATASUS-TABNET). População: crianças e adolescentes (0 a 19 anos). Exposição: pandemia do COVID-19. Comparação: períodos pré pandemia e posterior, para avaliar se houve alterações no número de atendimentos por epilepsia nos serviços de urgência. As variáveis analisadas foram região e unidade de federação, ano de atendimento, atendimento de urgência, faixa etária e CID de epilepsia. O estudo foi dividido em três períodos: T1 (pré pandemia – maio/2018 a fevereiro/2020), T2 (durante a pandemia - março/2020 a dezembro/2021) e T3 (posterior a T2 - março/2022 a dezembro/2023). A partir disso, foi feita uma análise estatística descritiva no Microsoft Excel versão 365. Houve 43.543 atendimentos de urgência por epilepsia entre 0 a 19 anos de idade no período T1, enquanto em T2 houve uma redução de 11% com 38.871 casos. Em T3, foram 44.365 atendimentos, correspondendo a 102% de T1. Comparando os atendimentos nos períodos de T2 com T1 foram obtidos os seguintes resultados: no norte, houve uma queda de 4% no total e de 10% dos 15 aos 19 anos, no nordeste, caiu 13% no total e 25% dos 5 aos 9 anos, no sudeste, caiu 10% no total e 19% dos 15 aos 19 anos, no sul, caiu 15% no total e 25% dos 15 aos 19 anos, no centro-oeste, caiu 7% no total e 21% dos 15 aos 19 anos. Comparando os períodos T3 com T1: no norte, aumentou 2% no total e 12% dos 15 aos 19 anos, no nordeste, aumentou 8%, no sudeste, aumentou 17%, no sul, aumentou 16%, e no centro-oeste aumentou 22%. Excetuando-se a faixa etária de 0 a 1 ano de idade, em todas as demais houve uma queda de 10 a 15% nos atendimentos em T2. Comparando T3 e T1, excetuando-se de 1 a 4 anos, houve aumento de 2 a 4 % nos atendimentos. Observou-se, em todo o país, uma queda nos atendimentos de urgência por epilepsia por crianças e adolescentes durante a pandemia do COVID-19, o que é antagônico ao esperado, já que as restrições de tratamento e seguimento relatadas no período poderiam causar a exacerbação da doença. Isso nos leva a questionar se o isolamento social da pandemia pode ter mascarado uma possível piora da doença, visto que no período posterior, quando o acesso à saúde estava normalizando, houve um aumento dos atendimentos no Brasil em relação ao período pré-pandêmico. Para melhor esclarecer esses achados, são necessários estudos mais robustos.